

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e Impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

SEM PÁSCOA, RELIGIÃO ERA LEGITIMAÇÃO DA ORDEM SOCIAL

Na Palestina dos tempos de Abraão — escreve Carlos Mesters em sua carta que A FOLHA oferece ao estudo das comunidades — todo o sistema econômico, político e social, descrito nos trechos anteriores da carta, era legitimado e justificado pela religião. Havia vários deuses. O deus supremo era o deus do faraó do Egito. Os deuses inferiores eram os deuses da terra de Canaã. Desta forma, o céu nada mais era do que um espelho do que se passava na terra. A hierarquia entre os deuses legitimava a sociedade dividida em classes: a classe da aristocracia, que dominava, e a classe dos agricultores que era explorada.

Nesta religião, os intérpretes dos deuses — os sacerdotes — eram latifundiários. A eles convinha que o sistema não mudasse. O culto era monopolizado nas mãos destes sacerdotes. O povo não tinha acesso. O saber era monopólio da aristocracia, que mantinha o povo na ignorância, pois saber ler e escrever no Egito só era possível após longos anos de estudo na "escola do faraó". A escrita do Egito era extremamente complexa e complicada. Finalmente, no culto, eram recitados os "mitos da criação", que confirmavam a situação: assim como o mundo foi criado, assim sempre será. Qualquer mudança era o mesmo que revoltar-se contra os deuses. Esta era a situação econômica, social, política e religiosa do povo, no tempo em que Abraão andava pela Palestina e em que Moisés atuava no Egito. Não havia muita diferença entre Palestina e Egito. Em ambos os países, vivia um povo oprimido, despedaçado por séculos de exploração.

Não era uma raça: era gente marginalizada, perdida, desligada das suas tradições, vinda de raças, povos e tribos as mais diversas. O que os unia não era a raça nem o sangue, mas a opressão, o desejo de ter um terra que fosse sua e a vontade de ter uma vida mais abençoada. Ora, é desta mistura de gente pisada e marginalizada que vai nascer um povo, o "povo de Deus", cuja história é narrada na Bíblia. Como se deu isto?

A Bíblia conta que Deus ouviu o clamor do povo. Esta afirmação é revolucionária. Para o sistema existente, o Deus Supremo não ouvia o clamor do povo lá embaixo, mas só atendia aos pedidos do seu protegido: o faraó e os reis de Canaã. A fé comprometida num único Deus e a rejeição categórica da variedade de deuses são a semente subversiva que cai no chão da vida daquele povo e vai produzir uma nova organização social igualitária. Por outro lado, a prática revolucionária em vista de uma nova sociedade igualitária vai criar a abertura para a fé comprometida no único Deus libertador. São dois lados da mesma medalha.

Vamos ver isto mais de perto. No meio daquele mundo da Palestina e do Egito, vários grupos se revoltam contra o sistema, mas sem muito resultado. Um destes grupos é aquele que, liderado por Moisés, consegue enganar as forças de vigilância do faraó e escapa para o deserto. Neste grupo, algo de totalmente novo acontece. Para este grupo, o "clamor do povo" e o "apelo de Deus" são os dois lados da mesma medalha.

DO REINO E SUA JUSTIÇA

CONVERSA COM O LEITOR

- O leitor é uma pessoa sofrida que sente na carne a situação econômica de nosso país. Basta ver como o cruzeirinho se desvaloriza cada semana ali no supermercado ou na feira. Parece que não tem jeito não. Os doutores estão naquela de não saberem mais o que fazer. Esperam milagre do Papai do céu.
- A situação é difícil. Também para nossa A Folha. Não, não, não é isto que vocês estão pensando. Não vai haver aumento a não ser mesmo em janeiro do outro ano.
- Ai vocês se admiram. Só em janeiro de 1982? E sua A Folha responde que é isto aí: somente em janeiro de 1982. Até lá temos de enfrentar a barra pesada para servir os nossos leitores e assinantes.
- Antigamente as assinaturas cobriam mais ou menos 50% das despesas. O papel nos era dado por irmãos nossos

de outros países, este ano da Alemanha. Agora a situação se agravou. E temos de pedir uns 60 a 70% de fora.

- Para não pesarmos demais sobre os nossos amigos. Sabemos que os leitores de nosso jornal são pessoas pobres, que dão um duro para sobreviver. Não queremos ser pesados demais.

- Em troca, leitor, pedimos que vocês nos acompanhem sempre com as suas orações, com o seu apoio, com sua solidariedade. A Folha está comprometida com Jesus Cristo e por isso mesmo com o Povo.

- Chegamos a 36 mil exemplares semanais, o que não deixa de ser uma bela edição para o Brasil. Estamos atentos a tudo o que é interesse da Igreja, para darmos nossa parte de conscientização. Contamos com vocês, caros leitores e assinantes.

IMAGEM DA MADRUGADA

1. Não, Senhor Jesus, tua Páscoa não raia para todos. Parece ao menos não raiar dentro desta madrugada fria e suja, sem aurora, sem esperança. Não raia para esse garoto de olhos acusadores que me olha do fundo da noite tenebrosa. Um dos muitos que crescem, sem rumo, no bojo escuro da noite e da vida, sem saber por quê, sem rei nem lei, sem Deus nem céus, apenas miséria e fome, apenas luta pela vida nua e crua. Deles só cuida o bem-pensante quando o dedo magro da fome alcança o patamar do luxo e do requinte.

2. É um Jaime, o «somente agora». Jaime, o «sozinho do universo». Jaime, o «romeiro sem destino». Mistura de velho e menino? Produto inocente ou perverso? Por que, Jaime, não vais embora? Dizes que não dá. E tamborilas com os dedos ágeis, sujos, sambas velhos, sambas novos, mil vozes oprimidas, mil ritmos profundos de Áfricas submersas que correm vivas no teu sangue. Batucas com teu sócio de batuque e de biscate que é Zecarlos, teu irmão, não de sangue, mas de sorte. Marcado na vida, marcado na morte? Veremos pouco mais.

3. Vocês batucam sambas na laticaria de um carro sem dono. Sem dono? De repente ecoa no bojo negro da noite um disparo seco, mais um e mais outros, ao todo cinco, protesto da violência, reação da prepotência. Meu Deus, será possível? Por tão pouco? Zecarlos: morre não morre. Jaime se esvai no local. Descansa em paz, pobre menino. Agora descobrem quem és. Tua vigília da noite vazia era vigília de amor: esperavas a hora do biscate na feira de Caxias. Para ajudar teus Pais e teus dez irmãos. Quem teve melhor Páscoa, meu irmão? (A. H.)

2º DOMINGO DA PÁSCOA (26-04-1981)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cânticos: MISSA DA PÁSCOA, série A CAMINHO DO PAI, 2-B, Ed. Paulinas.

rito inicial

1 CANTO DE ENTRADA



Cristo ressuscitou, aleluia! Venceu a morte com o amor, aleluia!

1. Tendo vencido a morte, o Senhor ficará para sempre entre nós / para manter viva a chama do amor, que reside em cada cristão, a caminho do Pai.
2. Tendo vencido a morte, o Senhor nos abriu um horizonte feliz / pois nosso peregrinar pela face do mundo terá seu final na morada do Pai.

2 SAUDAÇÃO DA COMUNIDADE

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, a graça de Deus esteja com todos vocês, que amam nosso Senhor Jesus Cristo com fidelidade inabalável. P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. "O Evangelho apresenta a aparição de Jesus ressuscitado num quadro "litúrgico". Os discípulos estão reunidos, no domingo à noite (dia da ressurreição) e, novamente, oito dias depois. Jesus apresenta-se com os sinais gloriosos da paixão; transmite-lhes, com seu Espírito, os dons pascaís, resumidos na paz, na reconciliação; confirma-lhes a fé e anuncia a bem-aventurança dos que creram sem tê-lo visto. A comunidade dos que creem reúne-se sempre em torno de seu Senhor ressuscitado, tornando-se ela mesma o lugar espiritual, o sacramento da sua presença. Ainda hoje, fiéis aos ensinamentos dos Apóstolos, oramos em nome do Senhor Jesus, partimos juntos o pão sobre o qual fizemos a eucaristia, comungamos os bens com os pobres (ou deveríamos comungar), numa fraternidade autêntica. Ainda hoje, proclamamos, na assembleia, que Jesus é o "Senhor" e "Deus", anunciamos seu perdão e sua paz, somos enviados para dar testemunho da vida nova. A liturgia dominical se torna o lugar privilegiado de nosso encontro com o Senhor ressuscitado, que reconhecemos misteriosamente presente nos sinais da assembleia, da palavra, do sacerdote, do pão e do vinho".

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE DEUS

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrar dignamente os santos mistérios (ou uma exortação pessoal à penitência; depois, pausa para revisão de vida). Confessemos os nossos pecados: P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras / atos e omissões / por minha culpa / minha tão grande culpa (bate no peito duas vezes). / E peço à Virgem Maria / aos anjos e santos e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor. P. Amém.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém.

S. Senhor, tende piedade de nós.
P. Senhor, tende piedade de nós.
S. Cristo, tende piedade de nós.
P. Cristo, tende piedade de nós.
S. Senhor, tende piedade de nós.
P. Senhor, tende piedade de nós.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Deus de eterna misericórdia, que acendeis a fé de vosso povo na renovação da festa pascal, aumentai a graça que nos destes. Fazei que compreendamos melhor o Batismo que nos lavou, o Espírito que nos deu vida nova e o Sangue que nos remiu. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada dos Atos (2,42-47). Os primeiros cristãos trocaram a luta feroz pela vida por uma convivência de amizade, na qual até os bens individuais eram postos à disposição de todos; ao redor deles, o mundo ficou melhor.

L. Leitura dos Atos dos Apóstolos: «Os irmãos freqüentavam os ensinamentos dos apóstolos, viviam em amizade uns com os outros e se reuniam para as orações e para repartir o pão. Os apóstolos faziam muitas coisas maravilhosas, por isso as pessoas ficavam cheias de admiração e de respeito. Todos os que aceitavam a fé permaneciam juntos, na amizade, e repartiam o que tinham uns com os outros. Vendiam suas propriedades e outros haveres e repartiam o dinheiro com todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias se reuniam no templo. Tomavam juntos as refeições em suas casas, com alegria e simplicidade de coração. Agradeciam a Deus por tudo e eram estimados pelo povo. E cada

dia o Senhor fazia o grupo crescer com outras pessoas que haviam de ser salvas». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Dai graças ao Senhor, pois Ele é bom / eterno é seu amor!

1. A casa de Israel repita: o seu amor é para sempre! / A casa de Aarão repita: o seu amor é para sempre! / Os que temem o Senhor repitam: o seu amor é para sempre!

2. Jam empurrando para me derrubar, mas o Senhor me socorreu: / minha força e meu canto são o Senhor, ele foi a minha salvação! / Há gritos de júbilo e salvação nas tendas dos justos: / "A direita do Senhor faz maravilhas!"

3. A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; / isto vem do Senhor e é maravilha aos nossos olhos. / Este é o dia que o Senhor fez / exultemos e alegremo-nos com ele!

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da Primeira Carta de Pedro (1,3-9). A fé na vitória de Cristo não era entendida como garantia contra o sofrimento; a exemplo de Cristo, é preciso trabalhar, lutar e sofrer na construção da obra, antes de alcançarmos a glória.

L. Leitura da Primeira Carta de S. Pedro: «Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, por sua grande misericórdia. Ressuscitando Cristo dos mortos, ele nos concedeu renascer para a vida que esperamos, a qual está para além da morte, do pecado e de tudo o que passa. Esta é a herança que ele reservou para vocês nos céus. Mantendo a fé, vocês são, desde agora, protegidos pelo poder de Deus. Ele lhes preparou esta libertação que se verá no final dos tempos. Por isso, alegrem-se, embora por enquanto ainda seja preciso sofrer muitas provações. A fé de vocês sairá delas purificada, como o ouro que passa pelo fogo. Na realidade, o ouro há de desaparecer; mas a fé de vocês, que vale muito mais, não se perderá, até o dia em que Jesus Cristo se revelar: nesse dia, vocês receberão louvor, glória e honra como recompensa. Vocês não viram Jesus Cristo e, mesmo assim, o amam. Ainda não o vêem, mas creem nele e, por causa disso, sentem alegria tão grande que não se pode exprimir. Quando chegar o fim, vocês alcançarão a salvação de suas almas, como recompensa da fé que guardaram». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

O QUE INTERESSA NÃO É O HOMEM, É A PRODUÇÃO!

É o trabalho que gera as riquezas de um país. Mas o trabalhador não é valorizado como merece. Além de receber um baixo salário, é obrigado, muitas vezes, a trabalhar em condições que causam doenças e até mesmo a morte. Isso é muito grave, porque a saúde do trabalhador é a alegria de uma família. É ele quem garante a casa, a comida e o bem-estar de todos.

Os acidentes de trabalho, no Brasil, atingem números impressionantes: 1976: 1.743.825 acidentes, com 3.900 mortes, ou seja, 13 mortes por dia. 1979: 1.476.056 acidentes, com 4.673 mortes, ou seja, 15 mortes por dia. E esses números só se referem aos trabalhadores da cidade. Não são feitas estatísticas sobre acidentes de trabalho na zona rural.

O QUE INTERESSA É A PRODUÇÃO!

O patrão, através do encarregado, faz pressão para aumentar a produção. Não dá tempo para fazer o serviço com segurança. Se a máquina apresenta defeito, não pode parar, porque tem de dar produção. É preciso fazer hora extra, para aumentar um pouco o baixo salário e também porque, muitas vezes, o patrão exige. Muda-se de turno quase toda semana e, com isso, não dá para dormir direito.

É por tudo isso que acontecem acidentes e não por falta de cuidado do trabalhador. Afinal, o interesse na prevenção de acidentes é mais do trabalhador do que do patrão. Ao sofrer um acidente, é o trabalhador o mais prejudicado, é o trabalhador que fica aleijado, é o trabalhador que perde a vida, deixando sua família desamparada.

Além dos acidentes, as más condições

de trabalho podem causar anemia, leucemia, impotência sexual, câncer, cegueira, ataques, fraqueza, nervosismo, doenças da pele, abortos, frigidez, alergias, doenças do pulmão e muitas outras doenças.

O maior culpado pelos acidentes e doenças profissionais é o sistema de produção desumano e desumanizante que existe no País. Onde o que vale é a busca do lucro e o trabalhador não é mais considerado como ser humano e sim como peça de uma engrenagem a qual, como um parafuso, pode ser substituído, se quebrar ou estiver funcionando mal. "Só protege o trabalhador enquanto ele está na produção. Ficou doente, não tem mais valor. É como boi que não presta mais para trabalhar na canga e mandam para o matadouro" (João Crispim).

MINISTÉRIO DA PALAVRA

A SERVIÇO DOS IRMÃOS

A Folha: O S. Padre dizia na sua carta de Natal, dirigida aos bispos do Brasil, que a Igreja é "portadora de uma missão essencialmente religiosa". Com isto a Igreja não se aliena da realidade?

Dom Adriano: Citando a carta, é possível compreender melhor a intenção do S. Padre. Diz primeiramente: "Através de minha viagem pelo Brasil eu quis reafirmar a convicção primeira, profundamente enraizada em meu espírito, de que a Igreja é portadora de uma missão essencialmente religiosa e cumprir essa missão é seu dever prioritário". Depois de se referir brevemente ao Concílio Vaticano II que ensina a mesma doutrina, acrescenta: "É certo que a missão da Igreja não se confina nas atividades de culto e no interior dos templos. Desde os tempos apostólicos, e certamente inspirada na ação do próprio Jesus, ela sempre procurou inserir-se na comunidade humana, sempre se debruçou sobre a humanidade, à imagem do bom samaritano, para conhecer suas necessidades, curar suas feridas, encorajar seus esforços e apoiar suas iniciativas. Cada vez que, em qualquer nível, um setor da humanidade se empenhou em crescer em qualidade e valor humano, por melhorar suas condições, por promover-se, a Igreja julgou seu dever estar próxima e colaborar. Esta dimensão é hoje mais sentida do que nunca. E no continente

latino-americano, e no vosso Brasil talvez mais do que em qualquer outro quadrante do mundo, por causa das situações inegavelmente graves em que vivem vossos Povos e por causa do papel histórico que a Igreja desempenha em vossos países" (n. 2). Segue depois aquele trecho que foi também aplicado contra a linha pastoral da CNBB: o perigo de perder a identidade, quando a Igreja se dedica ao social. Voltaremos a este ponto noutra entrevista? Seria bom.

A Folha: O senhor poderia citar alguns exemplos de como a Igreja, sem trair sua missão essencialmente religiosa, se insere na realidade concreta do Povo?

Dom Adriano: É fácil. Lembro, por ex., a história da Polônia. O Povo polonês sempre viu uma identidade autêntica da nação com a Igreja católica. É possível afirmar que o apoio dado pela Igreja às lutas da classe operária polonesa contra o regime comunista e sobretudo visando à terrível vizinha que é a Rússia é somente religioso? A partir da Fé a Igreja polonesa sempre tomou atitudes políticas, não pela Política em si mesma, não para conquista do poder (como fazem e devem fazer os partidos políticos) mas como serviço do Povo, como fidelidade à construção do Reino que se via ameaçado por tremendos inimigos que, sendo inimigos do Povo, eram tam-

bém inimigos da Fé Católica. Isto vale mais ainda quando consideramos a situação concreta do Povo polonês atualmente. Mesmo o pequeno partido comunista polonês no fundo do coração considera a Rússia como o grande perigo nacional. E por isso faz tantas concessões à Igreja Católica polonesa, como encarnação dinâmica e viva da alma do Povo polonês. — Lembro ainda outro fato, acontecido com o Papa João Paulo II em Teresina. Vendo a multidão e os sinais de protesto do Povo, não reprimiu a observação: "Pai nosso, o Povo passa fome". Esta é uma palavra religiosa, mas carregada de conteúdo político, comunitário, social. Há nela implícito um grito de revolta contra o esmagamento de um Povo que passa fome, quando uma pequena elite do poder vive opulentamente. No espírito do Papa deve ter passado todo o conjunto da vida nacional, todas as tremendas distorções de nosso sistema econômico e de nossa vida pública. Os exemplos são de todo o dia e de todas as horas. A dimensão comunitária — "creio na comunhão dos santos" — é necessariamente social e necessariamente política. Com isto não se diz que o "político" seja em si mesmo "partidário". O S. Padre tem assim plena razão quando reafirma o "religioso" da Igreja, mas um "religioso" que sai dos templos, para a vida concreta.

O NASCIMENTO DE JESUS

(C. Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, Ed. Vozes)

Nove meses depois da visita do anjo, Jesus nasceu na gruta de Belém. Para lembrar este acontecimento, fazemos hoje festas e presépios bonitos. E isso é bom! Mas não convém esquecer que o presépio real não era bonito. Era pobre e chocante.

ERA POBRE! A ordem do Imperador, vinda lá de Roma, era clara. Todos tinham de inscrever-se no cartório da cidade onde nasceram (cf. Lc 2,1-3). Era o jeito de se fazer o recenseamento do povo naquele tempo. Por isso, José via-

jou para Belém, sua terra, junto com Maria, sua esposa, que estava grávida (cf. Lc 2,4). Viagem comprida de mais de 130 quilômetros, por estradas difíceis. Chegando em Belém, não encontraram lugar nos hotéis (cf. Lc 2,7). Ou tudo já estava lotado ou os donos não queriam oferecer pousada a gente pobre. Foram para um dos abrigos de animais. Foi lá que Maria deu à luz. Quando hoje uma moça tem o seu primeiro nenê, sua mãe está aí, junto da filha, para ajudá-la. Em Belém não estava ninguém. A família de Maria estava longe, lá em Nazaré. O menino nasceu, foi enrolado em alguns panos e deitado num cocho, em cima de uns feixes de capim (cf. Lc 2,7). Os pastores vieram fazer uma visita. Não apareceu nenhuma pessoa de importância do lugar. Só gente pobre mesmo! Tudo pobre!

ERA CHOCANTE! Já imaginou você ir falar com os doutores daquele tempo, com os sacerdotes do templo, com os ricos latifundiários da Galiléia ou com os governantes do povo e dizer a eles: "Olhem, acabou de nascer o Messias, lá em Belém! Ele está deitado num cocho de um curral!" Será que isso caberia na cabeça deles? Talvez até ficassem bravos e pensassem que fosse uma piada! Acreditar que Deus tivesse realizado a sua promessa com aquela moça pobre de Nazaré sem falar com eles, os doutores, e que aquele menino recém-nascido, deitado no cocho do curral de uma casa popular qualquer de Belém, fosse o Messias! Não, isso nunca! Era chocante mesmo! Só mesmo gente pobre como os pastores e gente humilde como os reis magos conseguem levar a sério tal notícia e acreditar nela!